



SIMÕES DE ASSIS



# SIMÕES DE ASSIS

Thalita Hamaoui

Virá  
Arising

28 abril a 05 junho 2022  
april 28 to june 05 2022

curitiba  
al carlos de carvalho 2173 a  
80730-200 pr brasil  
info@simoesdeassis.com  
+55 41 3232-2315



## Virá que eu vi<sup>1</sup>

O gênero da paisagem na história da arte ocidental foi, por muito tempo, considerado menor, de pouca relevância pelas academias francesas e italianas, inferior às grandiosas modalidades da pintura histórica, religiosa e dos retratos de personalidades eminentes. Contudo, foi também a paisagem elemento central no ponto de inflexão da arte moderna, tornando-se assunto recorrente dos impressionistas que passavam a pintar *en plein air*. A mudança de ambiente – do ateliê fechado, de condições controladas, para o ar livre e a luz solar – impôs uma condição distinta aos pintores que, com urgência, desejavam captar uma atmosfera fugidia e em constante transformação. Assim, não parecia mais necessário definir folha por folha na copa de uma árvore, ou mesmo os detalhes das montanhas à distância. Ao contrário, essas vistas passaram a ser materializadas com todas suas imprecisões e manchas, como o olho as enxergava, e não como acreditava-se que deveriam ser representadas.

À medida que vimos delinear-se a superação da arte moderna, que testemunhamos o desenvolvimento copioso da fotografia e que a abstração passou a sobressair-se na pintura, a paisagem pôde enfim se libertar ainda mais de sua âncora atrelada ao real. Assim, como tema e como imagem, como alegoria e como meio, ela pôde expandir-se para além da ideia de um lugar retratado fielmente, tomando campos de representações simbólicas, evocativas, fabulosas e abstratas. E foi em algum ponto deste território ampliado que surgiu o trabalho de Thalita Hamaoui. Interessada pela força vital da natureza, sua produção teve início já na esfera pictórica, com suas primeiras obras em grande escala trazendo uma pequena casa em meio a uma paisagem vibrante, cheia de movimento, cercada pelos elementos do ambiente sem respiro.

Logo as construções e figuras humanas foram engolidas pelas formas orgânicas engendradas pela artista, prevalecendo apenas a vegetação. Atualmente, o processo de feitura das obras envolve a realização de várias delas ao mesmo tempo, como se cultivadas simultaneamente para alimentar-se umas às outras. As formas desenhadas por Hamaoui diretamente na tela - com pincel, bastão oleoso ou lápis -, às vezes desaparecem soterradas por outras camadas de densidade, de tempo, figuras e cores. Outras vezes, há desenhos que perduram e sobrevivem à sucessão pictórica. Em ambos os casos, essas imagens são criadas a partir de um repertório que se repete, sendo ao mesmo tempo singularidade e parte de um todo. Não há observação direta da natureza nesta pesquisa, mas sim uma pintura de memória com miragens mirabolantes.

Os elementos das composições ora derivam de plantas e árvores vistas na mata atlântica no Brasil, ora surgem imaginados como espécies primitivas extintas ou estranhas categorias botânicas que poderiam habitar o planeta em um futuro longínquo depois de milênios de evolução, quando a vegetação tomar tudo de volta. Em paralelo, as geografias que se delineiam ao longo das telas também não existem como topografia de um local concreto. Nas obras, erguem-se como delírios que, em uma fração do tempo que demorariam a se formar pelos processos geológicos, elevam montanhas, afundam vales, enchem oceanos ou os desertificam, como uma imagem-premonição inventada, retratando aquilo que ainda está por vir – e que, de certo, um dia virá.

Julia Lima

---

<sup>1</sup> Verso da canção "Um Índio", de Caetano Veloso.





**Noturnam, 2022**  
óleo e bastão oleoso sobre tela  
160 x 200 cm  
oil and oil stick on canvas  
63 x 78 ¾ in









Virá, 2022  
óleo e bastão oleoso sobre tela  
126 x 267 cm  
oil and oil stick on canvas  
49  $\frac{3}{8}$  x 105 in





Chamar o Vento II, 2021  
óleo e bastão oleoso sobre tela  
200 x 120 cm  
oil and oil stick on canvas  
78 ¾ x 47 ¼ in



**Chamar o Vento, 2022**  
óleo e bastão oleoso sobre tela  
200 x 120 cm  
oil and oil stick on canvas  
78 ¾ x 47 ¼ in





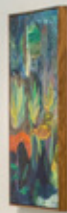




Chove Dentro, 2022  
óleo e bastão oleoso sobre tela  
150 x 100 cm  
oil and oil stick on canvas  
59 x 39 <sup>3</sup>/<sub>8</sub> in







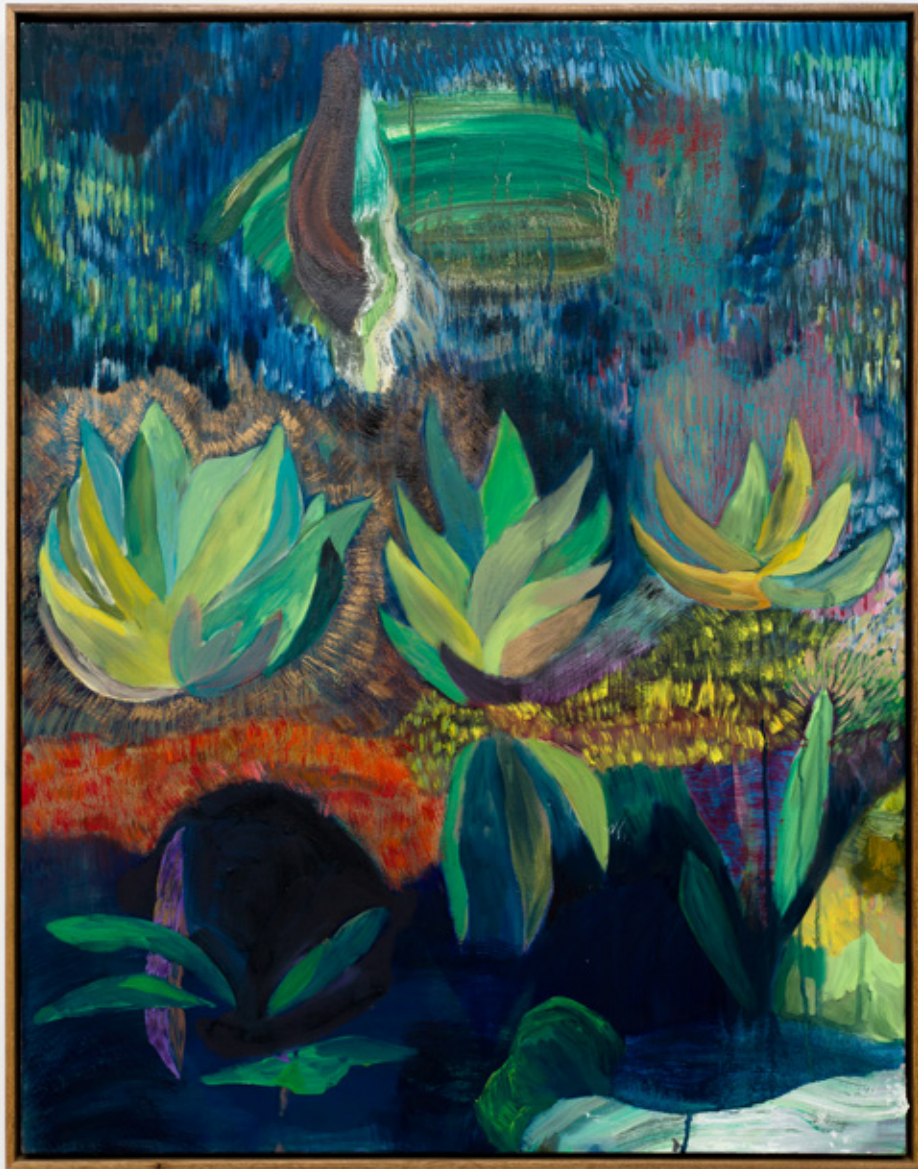


**Casa, 2022**  
óleo e bastão oleoso sobre linho  
68 x 64 cm  
oil and oil stick on linen  
26 <sup>7</sup>/<sub>9</sub> x 25 <sup>1</sup>/<sub>5</sub> in

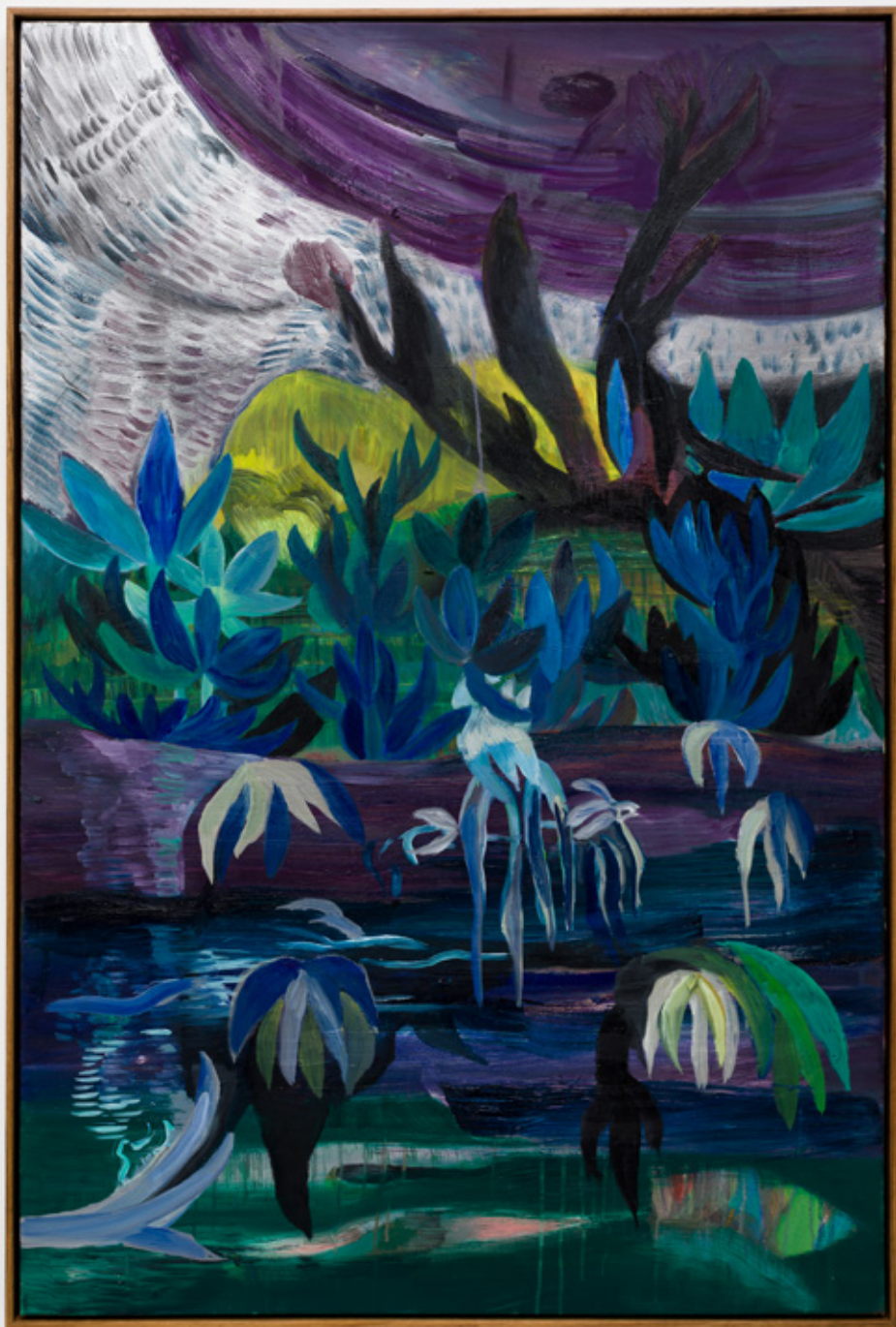
Refúgio, 2022  
óleo sobre linho  
71 x 66,5 cm  
oil on linen  
28 x 26 1/8 in







Verde Azul Noite, 2022  
óleo e bastão oleoso sobre tela  
90 x 70 cm  
oil and oil stick on canvas  
35 3/4 x 27 5/8 in



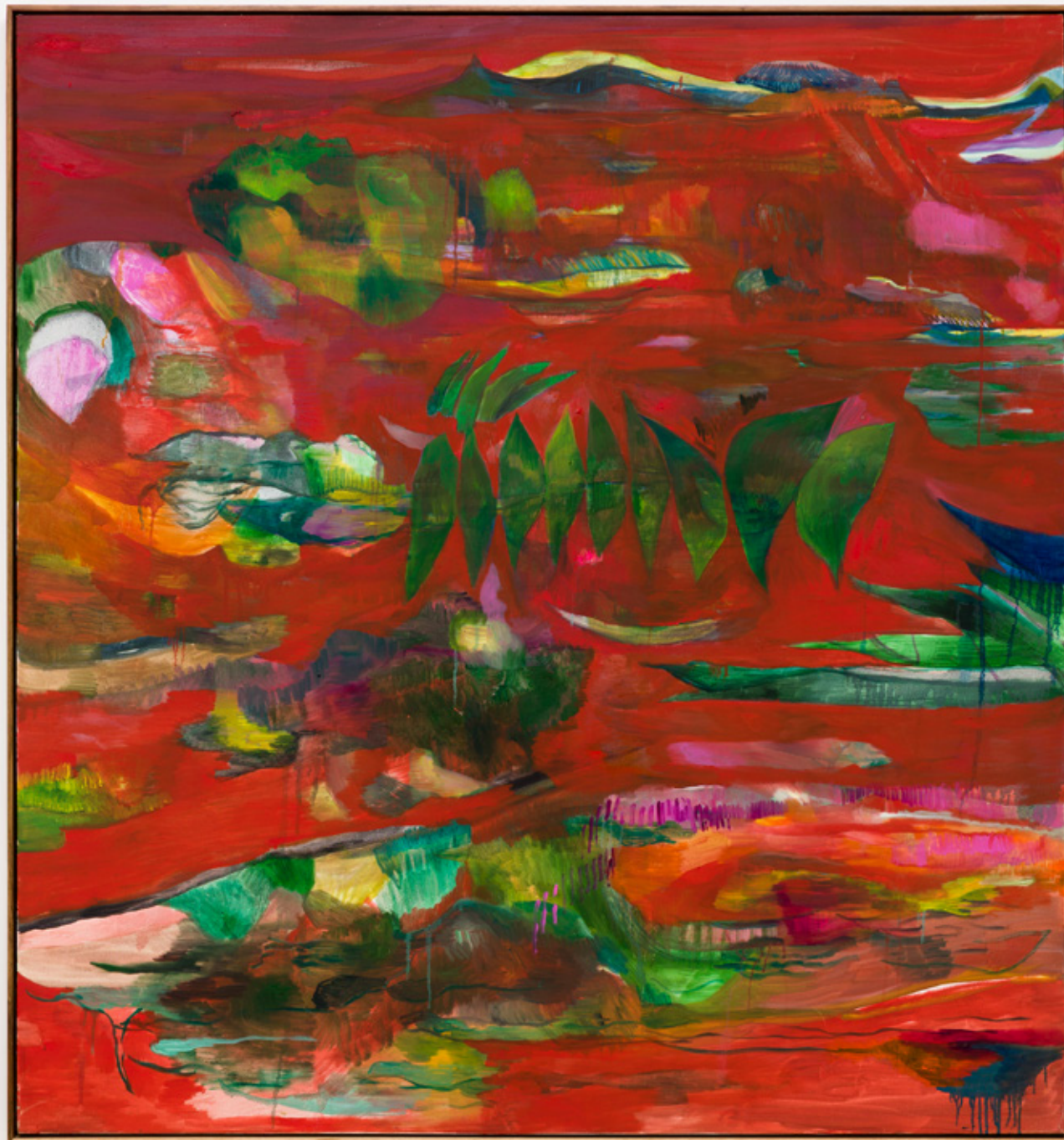
Coralínea, 2022  
óleo sobre tela  
120 x 80 cm  
oil on canvas  
47 ¼ x 31 ½ in







Cálida, 2021  
óleo e bastão oleoso sobre tela  
150 x 140 cm  
oil and oil stick on canvas  
59 x 55 1/8 in



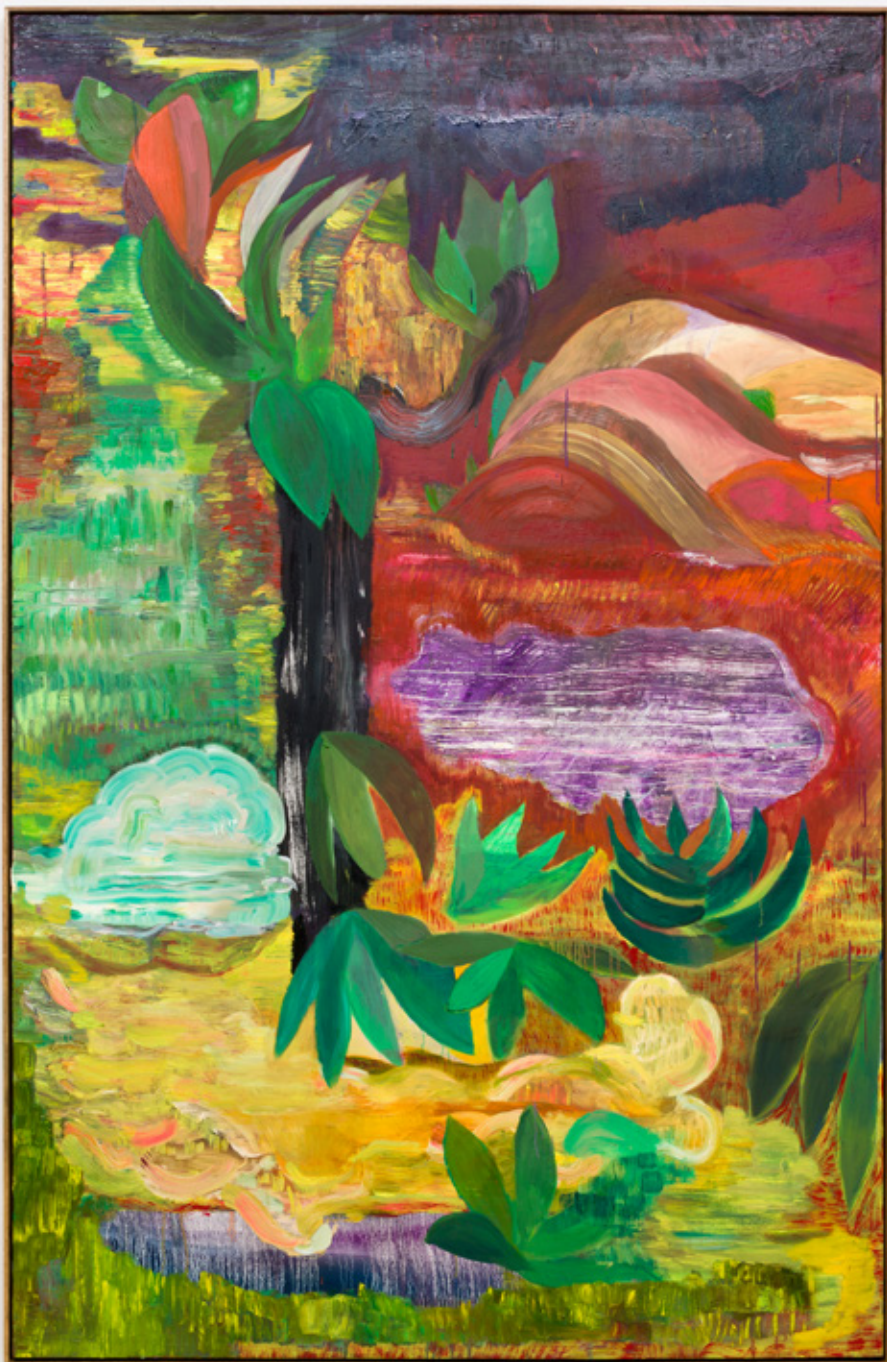






Una, 2022  
óleo e bastão oleoso sobre tela  
100 x 150 cm  
oil and oil stick on canvas  
39 7/8 x 59 in





**Mata Adentro, 2022**  
óleo e bastão oleoso sobre tela  
200 x 120 cm  
oil and oil stick on canvas  
78 <sup>5</sup>/<sub>16</sub> x 47 <sup>3</sup>/<sub>8</sub> in





## It will come, I've seen it<sup>1</sup>

The landscape genre in the history of western art was, for a long time, considered minor, of little relevance by the French and Italian Art Academies, inferior to the grandiose categories of historical and religious painting and the portraits of eminent personalities. Nevertheless, the landscape was also a central element in the turning point of modern art, becoming a recurring subject of the impressionists that began to paint *en plein air*. The change of environment – from the closed studio, with controlled conditions, to the open air and natural sunlight – imposed a different condition on painters who urgently wanted to capture an elusive and constantly changing atmosphere. Thus, it no longer seemed necessary to define leaf by leaf while portraying a tree, or even the details of a mountain in the distance. On the contrary, these views came to be materialized with all their inaccuracies and stains, as the eye saw them, and not as people thought they should be represented.

As we have witnessed the overcoming of modern art, the copious development of photography and the prevalence of abstraction in painting, the landscape was finally able to break free even more from the anchor that tied it to reality. Therefore, as subject and as image, as allegory and as medium, it expanded beyond the idea of a faithfully portrayed place, entering fields of symbolic, evocative, fabulous and abstract representations. It is along some point of this amplified territory that the work of Thalita Hamaoui emerges. Interested in the vital forces of nature, her production began in the pictorial sphere, with her first large-scale works depicting a small house in the midst of a vibrant landscape, full of movement, surrounded by the elements of the environment without any visual respite.

Shortly after, all the buildings and human figures were swallowed up by the organic shapes articulated by the artist, with only vegetation prevailing. Nowadays, the process of making her pieces involves the realization of several of works at the same time, as if they were cultivated simultaneously to nourish one another. The shapes initially drawn directly on the canvas – with brushstrokes, pastel or pencil – sometimes disappear, being buried under other layers of density, time, figures and colors. Other times, there are drawings that endure and survive the massive pictorial successions. In both cases, these images are created from a repertoire that is frequently repeated, being at the same time singular and part of a whole. There is no direct observation of nature in her poetic investigations, but rather Hamaoui paints from memory, creating unpredictable mirages.

The elements of the compositions now and again derive from plants and trees seen in the Atlantic Forest in Brazil; other times, they are completely invented as extinct primitive species or strange botanical varieties that could inhabit the planet in a distant future after millennia of evolution, when vegetation takes over everything once again. In parallel, the geographies that are outlined along the canvases also do not exist as topographies of concrete locations. But rather, they arise as delusions in a fraction of the time it would take to form them through geological processes, raising mountains, sinking valleys, filling oceans or even desertifying them, as if they were premonition-images that depict what is yet to come – what will, one day, certainly arise.

Julia Lima

---

<sup>1</sup> Verse of the song "Um Índio", by Caetano Veloso.



**Thalita Hamaoui** (São Paulo, 1981) formou-se em artes plásticas na Fundação Armando Alvares Penteado, em 2006, sob a orientação de Sandra Cinto, com pesquisa no campo da escultura. Integrou grupos de estudos e acompanhamento com artistas como Bruno Dunley, Marco Gianotti, Rodolpho Parigi e Regina Parra, além de ter participado, em 2018, do programa de residência artística do Pivô. No início de sua trajetória, dedicou-se longamente à estamparia, atividade que sempre a influenciaria. Foi com o design têxtil que suas formas orgânicas começaram a surgir, sendo seu principal interesse a dedicação demorada ao desenho e às cores dos tingimentos.

Em 2013, Hamaoui passou a focar mais sua pesquisa na pintura, por meio da aquarela e do guache. Todavia, foi na experimentação com tinta a óleo que a artista atingiu a potência de sua gestualidade. Em seus primeiros trabalhos no meio, elementos como casas e pessoas ainda habitavam formalmente as composições, mas sempre de maneira secundária – a paisagem completamente tomada pela natureza já era sua personagem central. Essas paisagens que ainda hoje constrói são fantásticas, quase delirantes, nas quais formas orgânicas se apresentam em cores intensas e camadas de diferentes texturas, criando uma atmosfera inebriante.

Suas telas são normalmente produzidas de maneira simultânea, tomando por completo as paredes do ateliê. Algumas demoram meses até serem resolvidas, enquanto outras são finalizadas com muita urgência, imediatas. Hamaoui nunca abandona um trabalho. Ao iniciar duas ou três pinturas ao mesmo tempo, cria um diálogo formal entre elas, que se tornam paralelamente singulares e integrantes de um todo. Dessa forma, a artista vai elaborando um repertório imagético que se repete, mas também se renova, como quem cria um vocabulário próprio dentro das paisagens internas que se erguem pela tinta. Essas formas também são vivas, sempre na iminência da transformação, e provocam movimentos constantes do olhar, que passeia e circula de maneira fluida pela superfície, sem muito distinguir figura e fundo.

Thalita Hamaoui foi selecionada pelo edital do Centro Cultural São Paulo de 2017, realizando "Um Passo Irreparável", sua primeira exposição individual. Entre outras mostras solo estão "A Borda do Mundo" (2020) na Galeria Nave, e "Oferenda" (2019) no ateliê Marilá Dardot, com acompanhamento crítico da artista e de Cristiana Tejo – ambas em Lisboa, Portugal. Dentre participações em coletivas destacam-se "Emotional Landscapes" (2021) com curadoria de Gisela Gueiros; "Um retrato para um novo mundo" (2021), Casa da Luz, São Paulo; "Mutirão", Now here (2021), Lisboa; "The Land of no evil" (2019), Off Shoot Gallery, Londres; Infinitess (2019), Lazy Susan Gallery, Nova York; "Zona de coexistência" (2019), um diálogo com a coleção de Duda Miranda, "Áurea" (2018), LÁFF, Hamburgo e "Procession" (2016), Folley Gallery, Nova York.

**Thalita Hamaoui** (São Paulo, 1981) graduated from Fundação Armando Alvares Penteado, in 2006, under the guidance of Sandra Cinto, with a focus on sculpture. She joined study and mentoring groups with important artists such as Bruno Dunley, Marco Gianotti, Rodolpho Parigi and Regina Parra, in addition to having participated, in 2018, in Pivô's artistic residency program. At the beginning of her career, she dedicated a long time to textile printing, an activity that would always influence her. It was with textile design that her organic shapes began to emerge, her main interest being the time-consuming dedication to the drawing and the colors of the dyes.

In 2013, Hamaoui began to focus her research on painting, through watercolor and gouache. However, it was experimenting with oil paint that the artist reached the power of her gestures. In her first works with the medium, elements such as houses and people still formally inhabited the compositions, but always in a secondary way – the landscape completely taken over by nature was already her central character. The landscapes that she still builds today are fantastic, almost delirious, in which organic forms present themselves in intense colors and layers of different textures, creating an intoxicating atmosphere.

Her canvases are normally produced simultaneously, completely covering the walls of the studio. Some take months to be resolved, while others are finalized with great urgency, immediacy. Hamaoui never leaves a work behind. By starting two or three paintings at the same time, she creates a formal dialogue between them, which become, in parallel, singular and integral to a whole. In this way, the artist develops an imagery repertoire that is repeated, but also renewed, as if creating a vocabulary of her own within the internal landscapes that are raised in paint. These shapes are alive, always on the verge of transformation, and provoke our eyes to constantly move, wander and circulate fluidly across the surface, without distinguishing figure and background.

Thalita Hamaoui was selected in the 2017 open call of Centro Cultural São Paulo, showing "Um Passo Irreparável", her first solo exhibition. Among other solo shows are "A Borda do Mundo" (2020) at Galeria Nave, and "Oferenda" (2019) at the studio of Marilá Dardot, with critical mentoring by the artist and Cristiana Tejo – both in Lisbon, Portugal. Among collective participations, the following stand out "Emotional Landscapes" (2021) curated by Gisela Gueiros; "Um retrato para um novo mundo" (2021), Casa da Luz, São Paulo; "Mutirão", Now here (2021), Lisbon; "The Land of no evil" (2019), Off Shoot Gallery, London; Infinitess (2019), Lazy Susan Gallery, New York; "Zona de coexistência" (2019), in dialogue with the collection of Duda Miranda, "Áurea" (2018), LÁFF, Hamburg and "Procession" (2016), Folley Gallery, New York.

# SIMÕES DE ASSIS

## **São Paulo**

rua sarandi 113a  
01414-010 sp brasil  
+55 11 3063-3394

## **Curitiba**

al. carlos de carvalho 2173a  
80730-200 pr brasil  
+55 41 3232 2315